



ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 14 - N. 02 ISSN 2179 - 3441

O terror que edifica: o Nietzsche de Leo Strauss

The terror which edifies: Leo Strauss's Nietzsche

Elvis de Oliveira Mendes 

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, pesquisador bolsista CAPES,
Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense.

Uberlândia, MG, Brasil.

Contato: elvis.oliver@live.com

Resumo:

Leo Strauss foi um profundo leitor de Nietzsche. Impactado pelo filósofo de Zarathustra desde a juventude, Strauss desenvolveu uma interpretação complexa e original sobre o papel fundamental de Nietzsche na história do pensamento. Neste artigo, pretendo mostrar que a interpretação do professor Strauss possui nuances e disposições distintas, o que evolui tanto uma paixão pessoal quanto uma posterior crítica e apropriação. Concluo que Strauss vê em Nietzsche aquele que apontou um caminho possível de superação do niilismo, por meio de uma crítica radical aos aspectos constitutivos da modernidade, e ofereceu a saída para a crise de sentido que afeta a humanidade contemporânea.

Palavras-chave: Nietzsche. Leo Strauss. Crise. Superação do niilismo

Abstract:

Leo Strauss was a profound reader of Nietzsche. Impacted by the philosopher of Zarathustra since his youth, Strauss developed a complex and original interpretation of Nietzsche's fundamental role in the history of thought. In this paper, I intend to show that Professor Strauss's interpretation has different nuances and dispositions, which involve both a personal passion and subsequent criticism and appropriation. I conclude that Strauss sees in Nietzsche someone who pointed to a possible path to overcome nihilism by means of a radical critique of the constitutive aspects of modernity, offering a way out of the crisis of meaning that affects contemporary humanity.

Keywords: Nietzsche. Leo Strauss. Crisis. Overcoming nihilism.

“O histórico e o a-histórico são na mesma medida para a saúde de um indivíduo, um povo e uma cultura”
Friedrich Nietzsche

Introdução

Um considerável número de cursos sobre o pensamento de Nietzsche foi ministrado por Leo Strauss no período mais maduro de sua vida (STRAUSS, 1956; 1959; 1967; 1971). De fato, Nietzsche aparece como uma de suas principais inquietações intelectuais no momento final de sua carreira. Deve-se observar também a grande quantidade de vezes em que o nome de Nietzsche aparece em vários dos textos mais importantes de Strauss e, finalmente, na produção e publicação de um escrito com uma análise original e detalhada de *Além do Bem e do Mal* (STRAUSS, 1983, pp. 174-191). Somado aos estudos dos clássicos, o tema que ocupou maior parte do tempo do professor Strauss em seu período mais maduro foi a retomada do pensamento de Nietzsche. Isso parece apontar para um aspecto fundamental de sua reflexão, a saber, o esforço de Strauss em compreender a crise da modernidade em seus múltiplos desdobramentos e o fenômeno do niilismo enquanto acontecimentos decisivos que geraram impactos não apenas nos debates intelectuais contemporâneos, mas no mundo e na vida da humanidade ocidental.

Dito isso, o objetivo dessa investigação é precisamente apresentar de que maneira Strauss compreende o papel fundamental de Nietzsche no contexto da crise da racionalidade moderna e seu lugar naquilo que Strauss veio a chamar de “terceira onda da modernidade”¹, “a crise de nosso tempo” e o advento do “historicismo radical” oriundo de seu pensamento. Para tanto, pretendo analisar em um primeiro momento a complexa relação de Strauss com o pensamento de Nietzsche, dado que é possível perceber a partir dos textos de Strauss que sua interpretação possui nuances e humores diferentes de acordo com o momento de sua vida. Em um segundo momento, a ênfase será dada na compreensão do lugar de Nietzsche no que Strauss veio a chamar de “crise da modernidade” e a crise da filosofia com sua correlata substituição pela História. Mais precisamente, será analisado a crítica de Strauss ao pensamento de Nietzsche no que se refere aos seus desdobramentos filosóficos e políticos que culminam no historicismo radical e suas consequências práticas.

¹ Na interpretação straussiana do advento da modernidade dividido em “três ondas”, é possível identificar que a primeira tem como principais personagens Maquiavel e Hobbes, a segunda onda é marcada por Rousseau e Hegel, a terceira tem no pensamento de Nietzsche a sua fundação e em Heidegger sua propagação. Essa última onda, segundo Strauss, influencia toda intelectualidade contemporânea. (STRAUSS, 1989a, pp. 81-98).

Na terceira parte, será analisada de forma mais direta a utilização e apropriação das críticas de Nietzsche ao cristianismo e aos valores modernos, tais como o igualitarismo radical e a moralidade burguesa, momento que marca a virada de Strauss em relação ao pensamento de Nietzsche no que tange à possibilidade de se pensar uma saída da modernidade. Por fim, na última parte tentarei mostrar que é inegável que Strauss tem uma profunda influência do pensamento de Nietzsche, sobretudo na sua defesa do modo de vida filosófico e em seu “retorno” aos clássicos. Minha hipótese é a de que essa influência é fecunda tanto enquanto crítica como na forma de apropriação e aprendizado. Não só isso, Nietzsche exerce um papel principal para compreensão da reflexão de Strauss, pois ele apontou melhor do que ninguém todas as tensões e os desafios que seriam enfrentados pelas sociedades contemporâneas e, assim, abriu a brecha para se pensar a possibilidade da retomada da natureza enquanto regra por meio do resgate do direito natural.

Fascínio, crítica e ensinamento: a persistência de Nietzsche na reflexão straussiana

Minha interpretação parte da percepção de que há no mínimo três momentos distintos da leitura straussiana da obra de Nietzsche, quais sejam, o fascínio de juventude, a crítica radical e a apropriação moderada. Isso quer dizer que lidar com a interpretação straussiana sobre Nietzsche de forma abrangente exige em certa medida um esforço de compreensão que envolve lidar com três formas diferentes de se entender o mesmo autor – pelo menos esse é o caminho que pretendo trilhar aqui diante de outras possibilidades de interpretação. No entanto, para além dessa dificuldade, a saber, de lidar com as diferentes leituras e disposições de Strauss em relação a Nietzsche, algo de minimamente seguro pode ser dito sobre a relação entre o professor Strauss e o autor de *Zarathustra*: Nietzsche sempre esteve entre suas principais inquietações filosóficas.

Sobre o momento intitulado aqui como fascínio de juventude, pode-se afirmar que esse foi marcado pelo primeiro contato ainda na adolescência do jovem Strauss com a obra do filósofo, um garoto judeu alemão que lia Nietzsche escondido dos pais para evitar possíveis vexames, dados a ortodoxia religiosa de sua família (LAMPERT, 1996, p. 5) e o clima fervorosamente tradicional que marcava a atmosfera de sua casa. De fato, essa leitura escondida marcou profundamente aquele garoto, o que o levou a desenvolver uma enorme admiração pelo “filósofo do martelo”. Quando maduro Strauss chegou a confessar em carta ao seu amigo Karl Löwith, que “até os trinta anos de idade, acreditava em tudo que aquele homem falava” (STRAUSS; LÖWITH, 1988, pp. 182-183). Inevitavelmente, a influência de Nietzsche está presente em todos os períodos de sua carreira intelectual, porém de modos diferentes.

A segunda fase, caracterizada como o momento da crítica radical, se apresenta nos textos de 1940, como é possível perceber nas observações introdutórias de *The*

Living Issues of German Post-War Philosophy (2006, p. 115) onde Strauss assinala que a civilização alemã, por ser mais jovem em relação à civilização ocidental, desenvolveu um tipo de pensamento muito mais radical, isto é, sua capacidade crítica, que se manifesta, sobretudo, por sua crítica à modernidade e por seu afastamento da natureza de modo mais severo e agudo. Se esse tipo de inclinação é necessário e salutar em sentido filosófico, é desastroso e catastrófico em sentido político. À essa constatação Strauss conecta a glória intelectual e a miséria política da Alemanha de seu tempo. Nessa reflexão, elaborada por Strauss na condição de exilado nos Estados Unidos devido à escalada do terror totalitário e do antissemitismo na Europa, é possível perceber sua perplexidade e o profundo pessimismo em relação aos desdobramentos e consequências políticas de sua época, em especial da filosofia alemã. O tema persiste em *German Nihilism*, publicado em 1941, onde Strauss enfatiza mais uma vez a diferença profunda entre a filosofia alemã e o pensamento ocidental, pois segundo ele, “a filosofia alemã, em última análise, concebia a si mesma como uma síntese do ideal pré-moderno e do ideal do período moderno” (STRAUSS, 1999, p. 371).

Nesse sentido, para Strauss a ascensão do Nacional Socialismo Alemão com amplo apoio popular não era apenas um fenômeno político isolado, mas um fenômeno espiritual. Em suas palavras: “a forma mais ridícula de profunda insatisfação com a civilização moderna” (STRAUSS, 2006, p. 116). Tal insatisfação, de fato, em seu sentido mais elevado, isto é, de busca de um retorno aos antigos, se constrói no seio mesmo da filosofia alemã. No entanto, sua forma mais popular, qual seja, o Nazismo, é apenas sua forma mais vulgar. Ao ver de Strauss, Nietzsche percebeu melhor do que ninguém a decadência do Ocidente por meio da vulgarização do fenômeno do niilismo e da propagação dos valores burgueses no contexto da vida do indivíduo comum, além da consolidação de um ambiente intelectual profundamente marcado pela promessa da filosofia alemã (mais precisamente do idealismo alemão) de iluminar os caminhos da humanidade. Dessa maneira, para Strauss, o próprio Nietzsche teria se tornado “o fator isolado mais poderoso na filosofia alemã do pós-guerra, é quase idêntica à sua crítica à civilização moderna em nome da antiguidade clássica” (STRAUSS, 2006, p. 116).

Quando Strauss sustenta a afirmação de que ninguém exerceu mais influência na juventude alemã do pós-guerra que Nietzsche (STRAUSS, 1999, p. 372), não se trata de dizer que o filósofo é o mentor dos acontecimentos funestos do século XX. Provavelmente Nietzsche não veria em Hitler o homem que salvaria a Europa do niilismo, sendo os dois personagens históricos incompatíveis. No entanto, as afirmações dos textos da década de 1940, somados à forma que a figura de Nietzsche aparece nas publicações mais importantes de Strauss nos anos de 1950, nos mostra que Strauss via em Nietzsche aquele que, com a beleza e a intensidade de seus escritos, foi capaz de fornecer ideias das quais o perigo imanente assombrou o século posterior.

Como é possível perceber em *Natural Right and History* – quando Strauss afirma que Nietzsche negou a filosofia enquanto busca da natureza eterna da totalidade em favor da vida e ao proceder assim, foi utilizado posteriormente por relativistas dos mais variados graus e com os mais variados interesses (STRAUSS, 1965, p. 26-27) –, Strauss está a nos alertar justamente para os usos e abusos do pensamento de Nietzsche por seus intérpretes. Uma acusação mais direta aparece no desfecho ainda mais contundente de *What is Political Philosophy?*. Onde Strauss afirma que:

Ele (Nietzsche) usou muito de seu insuperável e inesgotável poder de discurso apaixonado e fascinante para fazer seus leitores detestarem, não apenas o socialismo e o comunismo, mas também o conservadorismo, o nacionalismo e a democracia. Depois de ter assumido essa grande responsabilidade política, ele não pôde mostrar aos seus leitores um caminho para a responsabilidade política. Ele não lhes deu escolha a não ser entre a irresponsável indiferença à política e as opções políticas irresponsáveis. Assim, ele preparou um regime que, enquanto durou, fez com que a já desacreditada democracia parecesse novamente uma era de ouro (1988, p. 55).

Afirmações como estas são possíveis de se encontrar também em textos como *Liberal Education and Responsibility* de 1962, onde Strauss acusa Nietzsche mais uma vez pela falta de responsabilidade e moderação, o que teria resultado na abertura para os fascismos (1995, p. 24); e em *The Three Waves of Modernity* (1989), texto publicado postumamente, onde Strauss vê em Nietzsche a radicalização daquilo que veio a chamar de “crise de nosso tempo”. De fato, todos esses escritos elaborados durante e após a guerra trazem em si um rechaço e um tipo de interpretação que nos conduz a entender que, para Strauss, Nietzsche é sim o responsável pelo tipo de mentalidade que não apenas abriu a brecha necessária, mas cultivou um terreno fértil para a ascensão dos Fascismos e especificamente do Nacional Socialismo Alemão.

Curiosamente, Strauss, no fim de sua vida, escandalizou a todos com a mesma força quando afirmou “que Nietzsche abominava as coisas pelas quais Hitler em particular representava e às quais devia seu sucesso” (1971-1972, p. 1), o que pode nos servir de chave para compreender que, na interpretação straussiana, Nietzsche não é o mentor intelectual do hitlerismo. No entanto, é necessário analisar que Strauss mudou radicalmente de visão e que essa mudança está ligada à compreensão da própria filosofia enquanto experiência existencial. Dessa maneira, sobre a mudança de disposição interpretativa de Strauss em relação a Nietzsche, o comentarista Richard Velkley afirma que, “no seminário de 1959 sobre *Zarathustra* e no seminário de 1967 relativo ao *Além do bem e do mal* e *Genealogia da moral*, um relato mais profundo e mais simpático acerca de Nietzsche aparece em relação ao que as publicações antes de 1960 sugerem” (2017, p. xiv). No entanto, uma virada verdadeiramente surpreendente em relação a Nietzsche só aparece no enigmático ensaio de 1973, publicado no último livro organizado por Strauss.

Algumas pistas dessa virada já haviam sido enunciadas de forma bastante breve em um texto chamado *Relativism*, publicado em 1961, onde Strauss afirma que Nietzsche apontou as contradições do historicismo e ofereceu uma saída da modernidade por meio da radicalização dela mesma, no sentido em que Nietzsche, mais do que ninguém, mostrou que a cultura moderna e seus desdobramentos filosóficos não passavam de cristianismo racionalizado e transformado em “ciência” por meio da crença no progresso. É possível dizer que Nietzsche, ao radicalizar a própria modernidade, a colocou em xeque, porque ele relativizou a própria razão relativista que caracteriza a modernidade tardia. Isto é, enquanto esse tipo de mentalidade intelectual e científica se configurou como um instrumento de ataque à religião, à metafísica clássica, à cultura e à ética, Nietzsche relativizou a própria razão por meio de seus próprios instrumentos.

A afirmação de que Nietzsche oferece uma saída para modernidade a partir da radicalização da mesma, aparece novamente e de forma mais direta em um curso sobre o Historicismo ministrado por Strauss na Universidade de Chicago em 1965, onde ele afirma que o alerta disparado por Nietzsche de que “a história ensina uma verdade que é mortal” (STRAUSS, 2018, p. 130), tem a pretensão de mostrar a necessidade de que existam fantasias e mitos edificantes, de que os indivíduos acreditem e se mantenham afastados da verdade terrível que a história revela. Sendo assim, a lição de Nietzsche é sobre a necessidade de “escolher ilusões vivificantes” (STRAUSS, 2018, p. 131), capazes de dar sentido à vida, coisa que nenhuma ciência ou filosofia é capaz de fazer, por proibição intelectual e compromisso com a busca da verdade. Visto a semelhança das afirmações, é possível perceber que essa reflexão ganhou força e amadureceu nos últimos anos de sua carreira como professor. Portanto, pode ser compreendida enquanto um terreno cultivado para o que Strauss vem a “concluir” no seu único texto dedicado exclusivamente a uma interpretação do pensamento de Nietzsche, que marca de forma radical a sua virada.

Outro breve comentário que aponta para a mudança de Strauss em relação a Nietzsche, está presente no ensaio dedicado à abordagem sobre a centralidade da Fenomenologia de Husserl, enquanto caminho para a recuperação da filosofia no sentido platônico-aristotélico, isto é, enquanto atividade *zetética* e sua reconstrução na forma de uma ciência rigorosa (STRAUSS, 1983, pp. 29–37). Nesse texto, publicado pela primeira vez em 1971, de forma um tanto inesperada na parte mais central do texto, Strauss desenvolve em dois longos parágrafos alguns argumentos sobre o papel fundamental de Nietzsche para compreensão da decadência da filosofia e do próprio Ocidente, a partir da consolidação dos valores modernos resultantes do Cristianismo secularizado, como o socialismo, a democracia liberal moderna e o igualitarismo radical enquanto denominador comum desses regimes (STRAUSS, 1983, pp. 32–33).

Somado a isso, Strauss, que até então negava o suposto viés político do pensamento de Nietzsche, afirma surpreendentemente que, “independentemente de saber se Nietzsche conhecia ou não os escritos de Marx, ele questionou a visão comunista mais radicalmente do que qualquer outra pessoa” (STRAUSS, 1983, p. 32). Na visão de Strauss, Nietzsche identificou o homem proposto por Marx como o último homem, totalmente desprovido de individualidade e por isso gregário e adaptado ao rebanho, isto é, aquele que só é capaz de viver para o consumo e satisfação de suas necessidades vitais equivalente aos outros animais. Ao fazer isso, segundo Strauss, Nietzsche teria sido capaz de lançar uma missão política aos filósofos do futuro, tema que aparece novamente de forma central em seu ensaio sobre o *Além do Bem e do Mal*, de 1973.

O que parece estar em jogo para Strauss é que não podemos nos omitir de que a filosofia de Nietzsche foi capaz de desnudar completamente a existência humana de sentido, ele mostrou, da forma mais direta e cruel possível, que não havia nenhuma finalidade na história, nenhum Deus para nos salvar, nenhum valor que não seja construído historicamente e que por isso não irá perecer, nenhuma causa verdadeira que não possa ser questionada e revalorada. Em outras palavras, Nietzsche revelou a face horrenda da existência, desvelou as verdades inumanas ou as “mentiras nobres” necessárias para tornar qualquer sociedade possível. Mostrou que o que é bom e correto para um povo é visto com desprezo e escárnio por outro, isto é, a infinidade de possibilidades de códigos éticos. Ao fazer isso, Nietzsche esvaziou completamente a existência humana de sentido. Ao mostrar que tudo é perspectivo, ele foi capaz de uma descoberta filosófica incrível e extraordinária, mas que traria à tona uma visão insuportável e devastadora para homens e mulheres comuns que desejam apenas a calma de “verdades eternas” doces e palatáveis que tragam conforto e harmonia para a existência.

O ponto central dessa tensão entre o Strauss crítico radical de Nietzsche e o Strauss que toma lição com Nietzsche, é uma questão do que é colocado em foco. No “Nietzsche destruidor”, está em destaque a vulgarização do fenômeno do niilismo exposto por sua filosofia. No “Nietzsche mestre”, está em jogo a possível saída do niilismo, como veremos adiante. Na primeira interpretação do Nietzsche destruidor, está aquele que esvaziou a existência de sentido e assim abriu a brecha necessária para um processo de aplicação das ideologias sob o pretexto de oferecer um novo sentido para o ser (como o ser para o Reich, por exemplo) e expurgar todo mal deste mundo como as calamidades, a miséria e as desigualdades. O niilismo por assim dizer, deixou de ser um fenômeno filosófico de compreensão restrita a poucos, para ser uma característica comportamental da multidão, que por não saber como lidar com esse sentimento, se viu solitária e cativa de um líder carismático que exercesse a figura de um pai amoroso e lhes oferecesse um novo propósito.

Diante disso, do ponto de vista de Strauss, “o niilismo alemão é um fenômeno muito mais amplo que o Nacional Socialismo. Pode ser descrito provisoriamente como a reação apaixonada de certo tipo de jovem ateu ao ideal comunista” (1999, p. 355). Assim, pode ser compreendido enquanto um sentimento de rejeição radical dos princípios e valores da civilização ocidental moderna, que culmina no elogio à guerra e aos ideais bélicos. Portanto, a radicalização do militarismo e do moralismo alemão se impôs tanto ao comunismo, quanto ao liberalismo. Dessa maneira, se colocou enquanto uma postura de valorização exacerbada da sociedade fechada, em detrimento de qualquer pretensão de sociedade global. Para Strauss, “o niilismo alemão é o gênero, do qual o Nacional Socialismo é o tipo que se tornou mais popular” (1999, p. 357). De fato, essa afirmação nos ajuda a compreender que, na visão de Strauss, o tipo de niilismo que conduz o povo alemão à guerra está ligado a aspectos culturais tipicamente germânicos, como a super valorização da cultura nacional, do homem da tribo, da floresta que se opõe aos valores cosmopolitas do Ocidente democrático e transnacional.

Assim, como é possível perceber, a ascensão do Nacional Socialismo Alemão e os acontecimentos nefastos do século XX são decisivos na forma que Strauss compreende Nietzsche. Embora Strauss não tenha feito uma conexão direta entre o filósofo e o regime hitlerista, a crítica circula em torno da necessidade de responsabilidade por parte do filósofo, tendo em vista que todo pensamento possui consequências no mundo e que uma compreensão honesta do Nazismo não poderia se reduzir a Hitler, mas era necessário entender que tipo de atmosfera intelectual teria conduzido a Alemanha e seus aliados a legitimação daquele regime enquanto um dos frutos da modernidade. Para tanto, ao ver de Strauss é necessário se compreender essa doutrina poderosa enquanto o maior legado de Nietzsche, o historicismo radical enquanto um fenômeno intelectual indelével responsável por desnorrear completamente os indivíduos.

O Historicismo Radical

A atitude radical de Nietzsche se revelou enquanto um ataque à própria ideia de filosofia. A fim de mostrar sua insatisfação e seu rechaço para com o pensamento moderno, Nietzsche acabou por dinamitar toda a tradição. Assim, na visão de Strauss, ao afirmar que tudo pode ser historicamente interpretado, Nietzsche mostrou “que não existem fatos, apenas interpretações” (FP 1885-1887, 7[60]). Ao fazer isso, evidenciou sem nenhum constrangimento uma constatação escondida por séculos, a saber, de que não há de fato nenhuma verdade que não possa ser transformada ou substituída. Ele tornou impossível ideias como certo e errado, bem e mal, justo e injusto, isto é, colocou tudo no âmbito da perspectiva, ao fazer isso, reduziu todos os valores ao puro uso da linguagem.

Com efeito, o problema do “historicismo radical” se apresentou para Strauss bastante cedo ainda em seus escritos de 1940 (STRAUSS, 2006, p. 118), momento em que ele o compreendeu enquanto um problema relativo à substituição de uma filosofia enquanto tentativa de entender os fenômenos, por um tipo de filosofia muito distinta que por sua vez, pretende explicar os fenômenos através da história e do estudo das culturas (STRAUSS, 2006, p. 122). Ora, dada a complexidade desse tema, ele se tornou a questão seminal da reflexão straussiana em seus escritos posteriores, sobretudo em sua crítica da modernidade e proposta de resgate da filosofia política por meio da retomada do direito natural clássico. O problema do Historicismo passa a ser, a partir daqui, o ponto de maior tensão entre Strauss e Nietzsche, como está posto na passagem a seguir:

O pressuposto subjacente à tendência em discussão é a visão de que a filosofia é o autoconhecimento do homem em sua historicidade. Essa filosofia assume a forma de estudo histórico. A filosofia ou história assim entendida é essencialmente e puramente teórica. Agora, uma abordagem puramente teórica da história está aberta à uma objeção que havia sido levantada por Nietzsche nos anos 70, em seu ensaio *Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben*, mas que não foi muito apreciada antes da guerra. A objeção pode ser formulada da seguinte forma: o conhecimento histórico, como autoconhecimento do homem, como reflexão, é perigoso para a espontaneidade; a vida humana e a história humana são essencialmente espontâneas; portanto, a vitória total da consciência histórica, da história entendida, seria o fim da própria história, da história vivida ou feita (STRAUSS, 2006, p. 121).

Como se percebe, a leitura da *Segunda consideração intempestiva* de Nietzsche, *Da utilidade e desvantagem da História para a vida*, causou grande impacto sobre a visão de Strauss acerca do problema da história. De fato, se por um lado, Strauss é crítico da forma mais radical de historicismo do qual Nietzsche é seu mentor, por outro lado, a influência de Nietzsche sobre Strauss no desenvolvimento dessa mesma crítica é perceptível, como uma espécie de antídoto retirado da própria doença. Acerca disso, Strauss pretende mostrar que, em um primeiro momento, Nietzsche percebeu sérios problemas na proposta do Historicismo absoluto ou teórico de Hegel, tema que é retomado por Strauss em *Natural Right and History*. Nesse texto, ele afirma que Nietzsche entendeu o Historicismo como inviável porque desprezava a vida mesma, dado que uma compreensão meramente histórica da vida implica em uma compreensão totalmente teórica da vida. No entanto, a vida é um fenômeno fundamentalmente prático, isto é, compreendê-la apenas em vias de teoria significa por assim dizer, não compreender nada sobre a vida. Sobre isso, Strauss explica que:

De acordo com Nietzsche, a análise teórica da vida humana, que percebe a relatividade de todas as concepções abrangentes e, desse modo, as deprecia, tornaria impossível a própria vida humana, pois destruiria a atmosfera protetora dentro da qual, e somente dentro da qual, são possíveis a vida, a cultura ou a ação. Ademais, uma vez que análise teórica tem sua base fora da vida, ela nunca

será capaz de entender a vida. A análise teórica da vida não se compromete e é fatal para o comprometimento, mas viver é se comprometer (1965, p. 26).

Constatado isso, Nietzsche, segundo Strauss, se viu diante de duas alternativas. A primeira seria “insistir no caráter estritamente esotérico de uma análise teórica da vida – isto é, restaurar a noção platônica da nobre ilusão” (STRAUSS, 1965, p. 26). A segunda, “negar a possibilidade da teoria propriamente dita a conceber assim o pensamento como essencialmente subserviente ou dependente da vida ou do destino” (STRAUSS, 1965, p. 26). Strauss não afirma de maneira categórica que Nietzsche haveria preferido a segunda alternativa em detrimento da primeira opção, mas afirma que é inegável que seus herdeiros intelectuais a escolheram enquanto rumo a ser seguido. Essa escolha foi decisiva para tornar o Historicismo radical uma força intelectual arrebatadora no século XX a influenciar todas as áreas das humanidades por meio de pensadores potentes e profundamente inspirados por Nietzsche como Weber e Heidegger, para citar exemplos mais destacáveis daqueles que se tornaram os porta-vozes do *insight* nietzschiano.

Sendo assim, para Strauss, embora Nietzsche tenha herdado a proposta historicista fundamental do idealismo alemão, ele rejeitou completamente a possibilidade de que exista algum sentido na história, isto é, de que a história seja racional. Ao fazer isso, Nietzsche inaugurou a “terceira onda da modernidade” (STRAUSS, 1988, p. 54). Essa onda se dá enquanto uma crise do racionalismo moderno, pois ao rejeitar a possibilidade de um sentido na história como um *telos* ou finalidade que deveria ser cumprida pela ação dos indivíduos, Nietzsche abre a possibilidade de os indivíduos criarem um sentido autêntico para si próprios, sem seguir qualquer caminho em direção à vontade de um Deus ou ideologia política, enquanto coisas que servem de orientação moral para a vida dos indivíduos. Nesse sentido, Strauss compreende que a experiência fundamental da existência para Nietzsche é, “portanto, não a experiência da felicidade, mas do sofrimento, do vazio, de um abismo. O chamado nietzschiano à criatividade foi dirigido a indivíduos que deveriam revolucionar suas próprias vidas, não a sociedade ou a nação” (STRAUSS, 1988, p. 54).

Esse convite a uma vida verdadeiramente autêntica, isto é, à criação de um sentido pessoal para cada “eu”, para a autorrealização, é o grande legado político ou antipolítico de Nietzsche. Com efeito, essa atitude fundamental preconizou o que décadas mais tarde viemos a nomear de Existencialismo. Se, por um lado, ele rompia com todo dogmatismo tanto teológico quanto filosófico, por outro lado, ele libertou os indivíduos de todo peso metafísico da tradição e da moralidade de rebanho. Na visão de Strauss, Nietzsche, ao fazer isso, conduziu “seus leitores a abominarem não apenas o socialismo e o comunismo, mas o conservadorismo, o nacionalismo e a democracia” (STRAUSS, 1988, p. 55). Assim, ao negar toda e qualquer possibilidade de algo maior

além da pura experiência humana mundanizada, temporal e individual, Nietzsche foi capaz de conduzir os indivíduos à mais profunda indiferença política, o que na interpretação straussiana abriu a brecha necessária para o regime mais irresponsável da história se utilizar de sua doutrina da *Vontade de Poder* para arrebanhar os indivíduos jogados no abismo do niilismo. Sendo assim, Nietzsche condenou não só a política, mas a própria possibilidade da filosofia em favor do historicismo radical enquanto verdade conceitual conclusiva da modernidade.

O terror vivificante e “a descoberta da maior verdade de todas as verdades”

Em *Jerusalem and Athens – Some Preliminary Reflections* (1983), Strauss se dedica a analisar a tensão fundamental entre as duas culturas formadoras do Ocidente, isto é, entre a razão filosófica e a fé bíblica. Para tanto, Nietzsche é nomeado por Strauss como aquele que percebeu esse conflito radical e insolúvel através da personagem de Zaratustra (STRAUSS, 1988, p. 148; 2018, pp. 131-132), que em suas viagens pôde ver que, por todo lugar que passava, em cada povo ou cidade que visitava, encontrava uma verdade e um modo de vida diferente: o que era bom para um, era mau para outro; o que era honroso em uma cidade, era motivo de vergonha em outra – o que levou o profeta andarilho a perceber que havia uma variedade enorme de códigos éticos e valores morais (Das mil metas e uma só meta, ZA, p. 57). Ora, essa constatação inegável, e já percebida pelos antigos, ao ver de Strauss, não deve ser justificativa para que nos tornemos totalmente indiferentes ou até abandonemos a possibilidade de se pensar coisas como “bem e mal” ou “justo e injusto” – dado que qualquer sociedade só existe através da criação e manutenção da crença fundamental de que tais coisas existem. Portanto, a constatação de que os códigos morais são distintos e não estão baseados na verdade, ao invés de nos conduzir à negação deles, nos leva à afirmação da necessidade desses códigos para a vida em sociedade.

De acordo com a interpretação mais madura de Strauss, Nietzsche é o mentor da “terceira onda da modernidade” porque enfrentou a verdade brutal de que todo o pensamento, todas ações e valorações são de fato históricos e condenados a perecer. Diante de tal verdade, Nietzsche, diferentemente de Hegel, não buscou esperança no cristianismo, na criação de um Estado perfeito ou na absurda ideia de um espírito no tempo, o absoluto, que tudo regula através de uma lógica intrínseca à própria história. Não recorreu, como Kant, a nenhum imperativo categórico, baseado na crença de que os indivíduos possam algum dia abandonar seus desejos egoístas e agir com base na razão, para assim, a humanidade alcançar a “paz perpétua”. Ao contrário da esperança, Nietzsche nos ofereceu desespero, para que diante dele sejamos capazes de nos superarmos e criarmos projetos de vida realmente nossos, em vidas verdadeiramente humanas em toda sua beleza e miséria. Assim, para Strauss, a terceira onda da modernidade pode ser descrita como

constituída por uma nova compreensão do sentimento da existência: esse sentimento é a experiência do terror e da angústia, e não da harmonia e da paz, e é o sentimento da existência histórica como necessariamente trágica; o problema humano é de fato insolúvel como problema social, como disse Rousseau, mas não há como escapar do humano para a natureza; não há possibilidade de felicidade genuína, ou o mais elevado de que o homem é capaz nada tem a ver com felicidade (1989a, pp. 94-95).

Diante disso, ao nos convidar para uma experiência autenticamente filosófica, Nietzsche colocou em alto risco a vida do homem comum e a própria sociedade. Embora o que ele tenha dito sobre política seja bastante vago e indefinido, Strauss nos alerta que Nietzsche obviamente foi lido por homens políticos e os inspirou, mas enfatiza que, “todo uso político de Nietzsche é uma perversão de seu ensinamento” (STRAUSS, 1989a, p. 98). Ora, se Strauss não isenta completamente Nietzsche dos acontecimentos funestos do século XX, no máximo o acusa de irresponsabilidade e não por qualquer motivo, mas por paixão e genialidade. Não é à toa que em um de seus últimos escritos, Strauss tenha deixado uma frase enigmática sobre a responsabilidade de Nietzsche pela abertura para os fascismos quando afirmou que, “ele é tão pouco responsável pelo fascismo quanto Rousseau é responsável pelo jacobinismo. Isso significa, no entanto, que ele é tão responsável pelo fascismo quanto Rousseau foi pelo jacobinismo” (STRAUSS, 1989a, p. 98). Afirmação que nos conduz a concluir que Strauss entendia que, se Nietzsche deveria ser visto como o mentor intelectual dos fascismos e suas catástrofes, toda a tradição do pensamento filosófico é tão responsável quanto, pelo banho de sangue que é a história, pois todos os conflitos foram em maior ou menor grau impulsionados por motivações ideológicas, sobretudo os conflitos que marcam a contemporaneidade foram o resultado prático de algum tipo de teoria científico filosófica. Então, se inocentamos outros filósofos por terem sido apropriados indevidamente, Nietzsche é igualmente inocente, ou se é culpado, toda a tradição deve ser também culpada.

Por outro lado, se Strauss vê em Nietzsche, alguém que, por sua paixão pelo pensamento autêntico e pela liberdade crítica, condenou sua escrita destemperada aos usos e abusos dos pensadores e políticos do século posterior, ele deve ser compreendido como o mais corajoso dos filósofos, capaz de enfrentar os males mais terríveis de seu tempo e propor saídas como se estivesse séculos a frente. Assim, através da constatação do historicismo radical de Nietzsche, Strauss veio a compreender que ele “é o filósofo do relativismo: o primeiro pensador que enfrentou o problema do relativismo em toda a sua extensão e apontou para a maneira como o relativismo pode ser superado” (1989b, p. 24). De fato, a superação do maior de todos os males da modernidade não se dá por via do cristianismo secular mundanizado de Hegel, nem pela revolução política

de Marx, mas pela aceitação do caráter devastador e terrível da história que revela a necessidade de fantasias que deem sentido à vida dos indivíduos. Desse modo, de acordo com Strauss, Nietzsche nos “ensina uma verdade que é mortal” (1989b, p. 25). A verdade de que para que uma cultura ou modo de vida exista coletivamente, é necessário que haja uma atmosfera protetora da vida formada por mitos e verdades inquestionáveis, as “mentiras nobres” ou as “fraudes piedosas” nas quais os homens e as mulheres de uma sociedade precisam acreditar e pelas quais precisam lutar com todas as forças por sua manutenção.

Se Strauss atacou Nietzsche em seus textos durante mais de duas décadas (LAMPERT, 1996, pp. 8-9), em *Note on the plan of Nietzsche's Beyond the good and evil* é possível perceber uma mudança substancial na disposição de Strauss em relação ao pensamento de Nietzsche. Com efeito, vale dizer que é bastante curioso que Strauss tenha colocado em seu último livro intitulado *Study in Platonic Political Philosophy*, um ensaio sobre Nietzsche no núcleo da obra. Isso pode nos revelar que, em sua fase mais madura, Strauss passou a considerar Nietzsche uma peça-chave em seu quebra-cabeça, já que embora Nietzsche seja um moderno, ele não se comportou como um moderno *per se*. Na verdade, ele foi capaz de olhar para a modernidade com o olhar dos antigos. Não só isso, pois negou os clássicos em favor de algo anterior e ainda mais radical, já que via na modernidade um tipo de razão clássica subvertida pelos ideais cristãos à serviço da crença no progresso e na redenção da humanidade com ela mesma. Portanto, o retorno de Nietzsche é o retorno à visceralidade da vida tal como ela é. É justamente desse aspecto que Strauss parece querer se apropriar como instrumento de sua crítica, o que não deve ser visto apenas como coincidência ou fruto de seu humor pessoal. Na verdade, pelo menos em termos especulativos sérios, isso pode nos indicar que o professor de Chicago vê em Nietzsche o mais radical dos filósofos modernos, como aquele que ofereceu uma saída da modernidade e então achou necessário dar um tratamento responsável ao filósofo que o libertou na juventude. Como aponta Lampert:

O estudo de Strauss sobre Nietzsche é um desvio do que se pensava ser uma repetição. Pois Nietzsche nunca é atacado. Nietzsche é elogiado, ele é até elevado ao plano mais alto. E quando as objeções surgem, quando, duas vezes, as objeções finalmente eclodem em resposta à apresentação afirmativa de Nietzsche, elas são apenas as objeções que se esperaria de leitores educados por Strauss – são objeções “straussianas”. Mas Strauss responde às objeções straussianas; ele defende Nietzsche. De uma perspectiva straussiana, o ensaio é um escândalo (1996, p. 11).

O mais desafiador para nós, nesse sentido, é tentar relacionar o Strauss crítico de Nietzsche com o Strauss apropriador da crítica de Nietzsche. Mas é justamente por compreender esse desafio enquanto algo crucial, que se pode corroborar com a afirmação de McCallister de que, “Nietzsche apontava, para Strauss, a saída da modernidade, ou seja, ele aponta na direção dos antigos, e essa ambiguidade talvez

forneça a mais rica fonte de especulação a respeito do pensamento de Strauss” (2017, p. 225). De fato, descobrir se Strauss era um nietzschiano ou não, definitivamente não contribui com a questão fundamental, não se mostra a pergunta correta a ser respondida. Dessa maneira, embora Strauss claramente seja devedor de muitos dos *insights* de Nietzsche, a proposta straussiana de retorno aos antigos por meio do direito natural clássico e do resgate da vida filosófica são muito mais céticas e pessimistas do que os belos e edificantes conselhos de Nietzsche aos “filósofos do futuro”, conselhos preenchidos de idealismo e romantismo através de uma escrita apaixonada, que convida os jovens filósofos a serem fortes o bastante para carregar o grandioso fardo das mazelas do mundo. De fato, percebemos que para Strauss, o pensamento de Nietzsche serviu como uma espécie de bússola de orientação que aponta em direção ao abismo para o qual a humanidade moderna caminha. No fim da vida, Leo Strauss percebeu também que Nietzsche não só apontou, mas que poderia também, se bem compreendido, iluminar o caminho de saída da crise que ele mesmo provocou no seio da tradição. Sendo assim, a proposta fundamental de Nietzsche é estimulante para Strauss em um sentido bastante específico, a saber, a suspeita nietzschiana em relação aos benefícios da razão moderna e a constatação da necessidade de certos mitos e fantasias edificantes que possam nortear o caminho dos indivíduos. Portanto, a apropriação de certos aspectos da reflexão de Nietzsche por Strauss não conduz a uma interpretação pura e simples de que Strauss seja um nietzschiano.

Nesse sentido, para corroborar com a interpretação proposta nesse estudo, vale analisar o que é dito por Tanguay, quando afirma que o estudo de Lampert presente em *Leo Strauss and Nietzsche* é a maior e melhor contribuição já feita para tentar compreender a complexa relação entre Strauss e o pensamento de Nietzsche (2000, p. 108). No entanto, na interpretação de Tanguay, o esforço de Lampert está muito voltado para sustentar o ateísmo de Strauss (1996, p. 143) e a influência positiva de sua virada em relação a Nietzsche. Para Tanguay (2000), o esforço em mostrar as semelhanças entre as saídas de Strauss e Nietzsche gera algumas precipitações, já que Strauss nunca se mostrou um ateu aos moldes de Nietzsche (MINER, 2012, pp. 155-164). Muito pelo contrário, o ateísmo de Strauss é sussurrante e exige atenção para ser percebido. Na verdade, “Strauss nos convida a meditar sobre a fragilidade de nossos argumentos em favor de uma rejeição final do Deus da revelação bíblica” (TANGUAY, 2000, p. 121). Constatado que a filosofia não pode refutar a fé na verdade revelada ou a possibilidade da existência de Deus, nem vice-versa, além de um fideísta Strauss se revela um filósofo genuinamente *zetético*, muito mais preocupado em descobrir quais as questões permanentes do que propriamente achar as respostas para elas.

Vale dizer que um ponto fundamental da apropriação de Strauss em relação a Nietzsche é sua crítica à modernidade por meio de uma crítica ao seu principal pilar, a

saber, a crença na igualdade, na prosperidade e no progresso como finalidade da política e sentido maior da História. Ora, Strauss vê no ataque de Nietzsche aos valores de seu tempo um elemento fecundo para compreender e alertar as sociedades liberais de “nosso tempo”. Dessa forma, Strauss vê no igualitarismo radical moderno das sociedades liberais a causa de sua própria corrosão ou mau funcionamento.

Assim, Strauss nos conduz a compreender que a ordem política moderna ocidental baseada na igualdade a qualquer custo só é possível em um mundo onde todas as nações e povos aderissem sem exceção a um modelo unitário, isto é, em um mundo onde fosse possível a criação de uma pátria universal em que todas as nações se tornassem uma só. Mas essa grande nação humana teria que aderir à democracia liberal, ou ao fascismo ou ao comunismo ou qualquer outro regime de maneira a não haver outra possibilidade de governo ou questionamento sobre o bem supremo, o que aniquilaria completamente qualquer tipo de liberdade ou possibilidade de oposição entre diferentes ideologias ou modos de vida. Nesse sentido, Strauss, ainda na introdução de *The City and Man*, explica que “o ensinamento originado pela filosofia política moderna em favor da sociedade universal e próspera tornou-se reconhecidamente uma ideologia, um ensinamento não superior em verdade e justiça a qualquer outra entre as inúmeras ideologias” (1992, p. 7). De fato, na leitura de Strauss, o ideal moderno de melhor política é autoritário por delegar para si a posse da verdade sobre o bem e sobre o melhor regime. Está em jogo, para Strauss, o aspecto mais problemático do universalismo moderno, a saber, sua pretensão de dizer o que é o bem e o mal de forma universal e assim impor essa ideia de bem e mal à toda a humanidade e desconsiderar a incomensurável variedade de culturas, modos de vida e códigos morais, além da multiplicidade dos temperamentos humanos.

Strauss, na contramão da cosmovisão moderna, vê em Nietzsche a melhor compreensão do espírito da modernidade e, portanto, uma abertura para superação do tipo de pensamento resultante de sua época. Com efeito, Strauss, enquanto um cético em relação às crenças modernas, é amargo e demasiado realista em relação ao mundo contemporâneo. Sua apropriação de Nietzsche é carregada por esse humor obscuro, suas intenções com Nietzsche são bastante diferentes das interpretações mais comuns sobre o autor durante o pós-guerra (ANSELLPEARSON, 1994). Pode-se dizer que o Nietzsche de Strauss passa longe da caricatura criada por alguns movimentos filosóficos e políticos seculares (SHARPE, TOWNSHEND, 2011, p. 136). Strauss parece usar a fecundidade do pensamento de Nietzsche enquanto instrumento para seu projeto conspirador contra o pensamento moderno. Em outras palavras, do ponto de vista de Strauss, o *insight* fundamental de Nietzsche com todos seus perigos é uma espécie de caminho para a retomada dos antigos.

A retomada de elementos do pensamento clássico proposta por Strauss perpassa pela tentativa de salvaguardar a democracia liberal moderna, enquanto uma forma mais aceitável de governo possível para o Ocidente em detrimento dos fascismos e do

comunismo. É exatamente nessa chave que Strauss vê a centralidade da crítica de Nietzsche, por ter proporcionado uma crítica ao rebaixamento da cultura em favor de algo superior que eleve o espírito humano rumo a algo verdadeiramente humano. Tal crítica se coloca frente a toda artificialidade da vida burguesa orientada pelo consumo e pelos avanços da técnica esvaziada de sentido e propagadora de niilismo por meio do Capitalismo e da cultura de massa.

Strauss vê no ataque de Nietzsche contra os principais desdobramentos da modernidade, quais sejam, o liberalismo moderno e os socialismos como um ataque ao igualitarismo radical e à crença no progresso, dado que esses valores são o resultado último do Cristianismo secularizado. Vale dizer que a acusação de Nietzsche em relação ao igualitarismo radical, enquanto um subproduto dos “ideais modernos”, seria o valor mais poderoso no que diz respeito ao surgimento de indivíduos apáticos e totalmente incapazes de enfrentar o vácuo deixado pelo niilismo. A ideia tipicamente moderna de progresso teria tornado os indivíduos incapazes de criar novos significados para suas vidas, e como consequência disso, temos a vitória de um tipo de vida gregária baseada em ideais coletivistas. Tanto por via dos nacionalismos quanto por meio da consolidação do modo vida burguês, os gostos e sentimentos individuais sucumbiram frente ao coletivismo radical travestido pelo ideal de igualdade.

Sendo assim, se Nietzsche enxerga no ideal de igualdade radical da modernidade o resultado último do movimento secular do Cristianismo do qual seus herdeiros são a democracia liberal e o socialismo, na contemporaneidade o advento do igualitarismo é o valor máximo do último homem, um tipo de indivíduo incapaz de almejar algo nobre e superior, que não esteja condicionado pela mera necessidade humana de consumir. Ora, Strauss viveu as catástrofes do último século e vê na democracia liberal, com todos os seus problemas e riscos, ainda assim o melhor regime possível, em detrimento das experiências políticas terríveis de nossa era, sobretudo da eterna ameaça das tiranias que, independentemente de tempo e lugar, se apresentam como um risco iminente da vida política, o que revela o caráter a-histórico de um problema permanente da raça humana.

Diante disso, Strauss parece tentar proporcionar um meio termo entre a crítica radical de Nietzsche e o otimismo liberal. Na sua visão, para que uma democracia possua vitalidade, é preciso cultivar concepções de virtude e civilidade que se mostrem enquanto algo basilar numa sociedade que se pretende livre. Como a política é o lugar das disputas e dos diferentes interesses, criar mecanismos de convivência baseados em uma moralidade possível é tornar a própria vida possível. Para tanto, é preciso o cultivo de uma atmosfera de verdades necessárias pelas quais os indivíduos possam saber como agir de acordo com tais valores.

Com efeito, se para Nietzsche o futuro depende do surgimento do *Übermensch*, ou do “além do homem”, como aquele que poderá superar o niilismo e criar novos valores, para Strauss, a democracia liberal parece ser um meio termo prudente entre a civilização e a barbárie. Sendo assim, a crítica ao otimismo moderno em relação ao igualitarismo radical pode nos servir enquanto um alerta para que sejamos conscientes de que a tirania pode aparecer sob os mais variados disfarces. Ademais, ao ver de Strauss, a democracia liberal é o lugar onde é possível o cultivo do *gentleman*, um indivíduo virtuoso, educado para a liberdade e verdadeiramente preocupado com as coisas concernentes à excelência humana, capaz de superar o niilismo da cultura de massa.

Por fim, não se trata de dizer que Nietzsche e Strauss são idealistas ou crentes na possibilidade de a humanidade superar seus problemas por meio de seus ensinamentos, não se trata disso. Na verdade, o que está em jogo é que Strauss vê em Nietzsche um tipo de aceitação radical da existência tal como ela é, uma forma de lidar com o sofrimento e com a realidade trágica da vida que diz muito sobre o verdadeiro modo de vida filosófico no sentido dos antigos. Portanto, está em Nietzsche, segundo Strauss, a possibilidade de um retorno a uma experiência de pensamento em que a aceitação da política como algo trágico, terrível e cruel é a aceitação da própria humanidade do ser humano, sua capacidade de superar as contingências e o próprio existir na total ausência de controle dos acontecimentos da história, enfim, é através do *insight* fundamental de Nietzsche que Strauss visa recuperar o caráter trágico e dramático da política dos gregos e seus elementos mais importantes.

A Redescoberta da Natureza

Uma das nuances mais interessantes e fecundas na interpretação straussiana sobre Nietzsche, é que esse último é compreendido enquanto aquele que redescobriu a natureza, a mesma natureza vista pelos modernos como passível do controle e da vontade humana. Para Nietzsche, ela é novamente vista como norma. Vale lembrar que, na modernidade, a crença no controle total da natureza levou a humanidade a acreditar que poderia, a partir de seus esforços, apagar da existência fenômenos terríveis como a dor, o sofrimento e a desigualdade. No entanto, Nietzsche nos lembrou que “o sofrimento e a desigualdade são os pré-requisitos da grandeza humana” (STRAUSS, 1983, p. 190). Portanto, a superação é o que pode nos conduzir ao aperfeiçoamento do espírito, são as contingências e imprevisibilidades da natureza que nos tornam fortes. Ora, nesse sentido, o que Strauss viu de realmente novo e extraordinário em Nietzsche foi sua subversão original contra toda a tradição que, durante séculos, pretendeu a qualquer custo dirimir a dor, o sofrimento e o medo através das promessas teóricas. Na contramão, Nietzsche afirmou o medo como aspecto fundamental da vida.

Assim, aquilo que alguns dos intérpretes e leitores de Nietzsche tentam deixar às escuras por ser considerado desagradável, desinteressante e totalmente inaceitável para o nosso tempo, é justamente esse aspecto embaraçoso do pensamento de Nietzsche que Strauss enfatiza para extrair seu principal ensinamento, que é existencial e não político. Desse modo, a aceitação do caráter cruel e terrível da existência é o grande ensinamento de Nietzsche do ponto de vista de Strauss. A retomada da natureza como norma pode ser compreendida como uma espécie de inversão da lógica moderna. Em outras palavras, a reconsideração da razão intrínseca à natureza funciona como um ataque direto às principais crenças contemporâneas tanto populares quanto científico-filosóficas. Ao retomar à razão antiga que entendia a existência enquanto algo inseparável da lei natural (no sentido da *physis*), como um tipo de razão superior e por isso inquestionável, confere-se a negação ou o questionamento radical dos preceitos da razão moderna.

Desse modo, a afirmação de que a vida é vontade de poder e nada mais, jogou luz sobre a face horrenda da verdade e revelou que a vida é um drama inescapável. Portanto, o igualitarismo radical enquanto crença inquestionável das sociedades modernas terminou por tornar os indivíduos incapazes de superar seus vazios e vencer suas lutas pessoais. Strauss julga que a aceitação do caráter desigual e sem sentido da história, tanto quanto as diferenças naturais entre os indivíduos, é o que pode nos conduzir a uma busca pela excelência. Daí a importância da compreensão do *insight* fundamental de Nietzsche. A recuperação do valor da vida mesma é o sentido da vida. Strauss enxerga na recuperação desse tipo específico de racionalidade comum aos clássicos, que viam na virtude ou na crença de que podem entre muitos haver alguns poucos indivíduos virtuosos, a possibilidade de superação do niilismo.

Levada a cabo, a interpretação de Strauss sobre Nietzsche, no seu último artigo é possível perceber que, quando Nietzsche afirma que a vida é vontade de poder e nada mais, ele subverte o *Eros* de Platão e a própria ideia de um *logos* regulador da humanidade e catalisador da história. De fato, a doutrina da vontade de poder de Nietzsche implode todo empreendimento do qual a tradição, seja filosófica ou teológica, esteve alicerçado até então (STRAUSS, 1983, p. 176). Com esse acontecimento, qualquer ideia de Deus ou de um propósito para a existência humana se torna mero devaneio fantasioso, do qual na melhor das hipóteses só poderia servir de consolo para os indivíduos. Sendo assim, na interpretação de Strauss, se Platão forjou uma fraude piedosa quando criou uma verdade no intelecto e assim deu um sentido a esse mundo fora dele (no mundo das ideias perfeitas e eternas), Nietzsche por sua vez, revelou uma verdade indissociável deste mundo, ao desvelar as verdades ficcionais do mundo humano foi capaz ele mesmo de fundar uma verdade inquestionável e arrebatadora, apesar de terrível e destruidora (STRAUSS, 1983, p. 176).

Para Strauss, a manobra operada por Nietzsche, embora se revele como algo de profundamente perturbador e um tanto inconsequente, nos conduz a uma descoberta bela e radicalmente humana. Nesse sentido, Strauss compreende que Nietzsche “ao sugerir ou dizer que a verdade é mortal, ele faz o melhor para amortecer o poder dessa verdade mortal; ele sugere que o mais importante, a verdade mais abrangente – a verdade em relação a todas as verdades – é a vida-dada” (STRAUSS, 1983, p. 177). A diferença fundamental entre as verdades criadas pelos homens (tais como Deus, moralidade, bem e mal) e a verdade revelada por Nietzsche é que, no primeiro caso, se trata de um tipo de conhecimento meramente antropomórfico, egocêntrico e artificial condenado a perecer ou se transformar inevitavelmente. No segundo caso, a verdade trazida por Nietzsche é algo que se encontra na natureza. Segundo Strauss, Nietzsche foi aquele que desvendou algo de verdadeiramente natural e, portanto, “a maior verdade de todas as verdades” (STRAUSS, 1983, p. 178).

No entanto, para Strauss, essa verdade descoberta por Nietzsche não possui como objetivo a condução de um caminho para a glória seja política ou científica, pois se assim o fosse, se trataria apenas da substituição de uma ficção por outra. Em outras palavras, não se trata de substituir a mentira pelo niilismo. Sobre isso, Strauss afirma que, “Nietzsche não quer sacrificar a Deus em prol do nada, pois ao reconhecer a verdade mortal que Deus morreu, ele pretende transformá-la em uma vida inspiradora, ou melhor, para descobrir no âmago dessa verdade mortal o seu oposto” (STRAUSS, 1983, p. 180). Vale lembrar que o niilismo não é o fim, mas o meio, a transição para uma existência verdadeiramente afirmativa diante de todas as mazelas e desgraças da vida (STRAUSS, 1983, p. 181). Porém, ao ver de Strauss, Nietzsche não atribui essa tarefa ou o fardo do niilismo enquanto ponte para uma vida afirmativa ao homem comum, isto é, o homem de rebanho. Essa tarefa tampouco é atribuída ao político. Nem o rebanho nem aqueles que o pastoreiam são capazes de completar essa travessia. Portanto, a árdua tarefa de carregar esse fardo é função do filósofo.

A mensagem deixada por Nietzsche de que os filósofos do futuro devem agir de acordo com a natureza, para Strauss é um claro ataque aos filósofos modernos, sobretudo ao dogmatismo e consequente abandono do mundo em favor da razão instrumental. Na interpretação straussiana, a filosofia é a maior vontade de poder. De fato, o convite de Nietzsche se dirige ao retorno ao caráter radical da filosofia, à ressurreição de um demônio antigo e cruel que ignora os anseios e caprichos humanos. Essa compreensão de Strauss nos conduz a contrapor a crueldade da verdade de Nietzsche à nobre ilusão gentil de Platão. Mas se considerarmos que Platão fala pela boca de Sócrates, não seriam os enigmas, os questionamentos e a aceitação socrática sobre a própria ignorância acerca de bem e mal, igualmente uma forma de crueldade e uma verdade tão mortal quanto a de Nietzsche?

Se Sócrates, através de seu questionamento ininterrupto, investigou a natureza de todas as coisas, quais sejam, da justiça, do bem, do mal e do belo, e veio a concluir

que de nada sabia, a aceitação da ignorância, isto é, da *docta ignorantia* tacitamente é o desvelamento do fato de que não há nada a saber, porque não há nenhuma verdade a ser descoberta que não seja antropomórfica e, portanto, variável, ambígua, relativa e destinada a perecer. Nesse sentido, a constatação socrática da ignorância se relaciona diretamente com a verdade mortal de Nietzsche de que todos os valores são criações humanas e que nada no campo da moralidade é dado por natureza. A interpretação levada a cabo por Strauss nos conduz a compreender que Sócrates e Nietzsche alcançaram a mesma verdade terrível por vias diferentes.

Essa constatação leva Strauss a ver, no resgate do direito natural clássico, uma forma de superar o teor corrosivo dessa verdade inumana trazida por Sócrates e Nietzsche, pois, se o primeiro aceitou a condenação e a morte, e o segundo foi relegado ao ostracismo e a loucura, é fato que ambos sucumbiram pela genialidade e honestidade intelectual. O que torna possível concluir que há uma profunda incompreensão ou até rejeição dessa verdade terrível. Portanto, Strauss está consciente de que a redescoberta da natureza é imprescindível enquanto fenômeno filosófico, mas como fenômeno social e político se revela algo totalmente incompreensível e indesejável pela multidão que vive de acordo com as convenções.

Referências bibliográficas

ANSELLPEARSON, K. *An Introduction to Nietzsche as Political Thinker*. Cambridge: University Press, 1994.

LAMPERT, L. *Leo Strauss and Nietzsche*. Chicago: Chicago University Press, 1996.

MINER, R. Leo Strauss's Adherence to Nietzsche's "Atheism From Intellectual Probity". *Perspectives on Political Science*, 2012, pp. 155-164.

MCALLISTER, Ted V. *Revolta contra a modernidade: Leo Strauss, Eric Voegelin e a busca de uma ordem pós-liberal*. Trad. de Túlio Sousa Borges de Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2017.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Trad. de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da História para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SHARPE, Matthew & TOWNSEND, Daniel. Introduction: the Strauss Controversy, Leo Strauss, and Nietzsche. WOODWARD, Ashley (org). *Interpreting Nietzsche: reception and influence*. New York: USA Continunn 2011, pp. 131-148.

STRAUSS, L. *An Introduction to Political Philosophy: Ten essays by Leo Strauss*. Detroit: Wayne State University Press, 1989a.

_____. Note on the Plan of Nietzsche's Beyond Good and Evil. In: _____. *Studies in Platonic Political Philosophy*. With an Introduction by Thomas Pangle. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, pp. 174-191.

_____. German Nihilism. *Interpretation*, vol. 26, n° 3, 1999.

_____. *Leo Strauss on Political Philosophy / Responding to the Challenge of Positivism and Historicism*. Editado por Catherine H. Zuckert. Chicago: The University of Chicago Press, 2018.

_____. *Natural Right and History*. Chicago: The University of Chicago Press, 1965.

_____. *Nietzsche I: Seminar on Historicism*. 1956 [curso não publicado].

_____. *Nietzsche III, Seminar on Nietzsche: Zarathustra, Genealogy of Morals, Beyond the Good & Evil*. 1967 [curso não publicado].

_____. *Seminar on Nietzsche' Also Sprach Zarathustra*. 1959 [curso não publicado].

_____. *The City and Man*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

_____. The Living Issues of German Post-War Philosophy (1940). In: MEIER, H. *Strauss and the Theologico-Political Problem*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

_____. *What is Political Philosophy? And Other Studies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

_____. *Leo Strauss on Nietzsche's Thus spoke Zarathustra*. Editado por Richard L. Velkley. Chicago: The University of Chicago Press, 2017.

_____. *Rebirth of Classical Political Rationalism*. Organizado por L. Pangle. Chicago: The University of Chicago Press, 1989b.

STRAUSS, L. & LÖWITH, K. Correspondence. *Independent Journal of Philosophy*. Vol. 5/6, 1988. pp. 182-183.

TANGUAY, D. Strauss disciple de Nietzsche? A propos d'une hypothèse récente sur le sens « caché » de l'œuvre de Leo Strauss. *Les Études philosophiques*, n° 1, 2000, pp. 105-132.

Recebido: 15/09/2023

Aprovado: 28/10/2023

Received: 15/09/2023

Approved: 28/10/2023